

ISTO É  
20/11/96 62 e 63  
30



MARAMBAIA

# Paraíso proibido

Militares e ecologistas se unem para preservar uma das mais exuberantes reservas naturais do País

HÉLIO CONTREIRAS E PEDRO AGILSON (FOTOS)

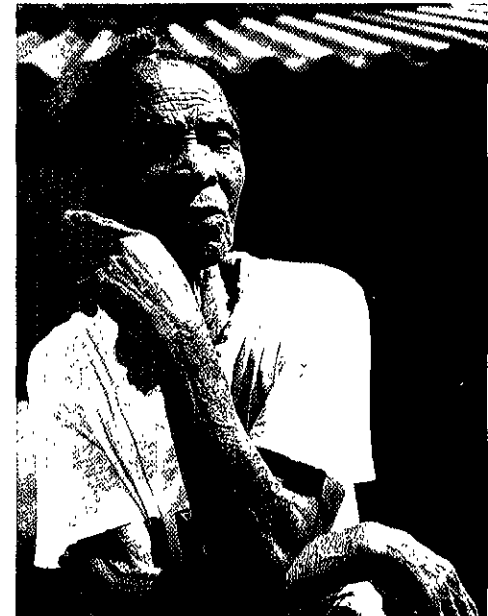
**Q**uem sobrevoa o litoral sul do Rio de Janeiro certamente já reparou uma estreita faixa de terra, entre o Oceano Atlântico e a Baía de Sepetiba, que se prolonga por 42 quilômetros, com praias em toda a sua extensão. O que poucos sabem é que ali está situado um dos últimos paraísos ecológicos da Mata Atlântica: a Ilha da Marambaia. A 90 quilômetros do centro do Rio, há 110 anos a ilha era escala obrigatória para os navios negreiros que vinham para o Sul do Brasil. Hoje, ela é um dos raros lugares do planeta onde podem ser vistos pássaros silvestres quase em extinção, como o gavião-pombo, além de macaco-prego, tatu, capivara e a borboleta capitão do mato, com seu azul forte. Em Marambaia, até o popular sabiá, pássaro que entrou na literatura brasileira com o poema *Canção do*

*Exílio*, de Gonçalves Dias, é diferente. Chamado de sabiá-da-praia, ele é maior que o sabiá-da-mata – comum nas montanhas de Minas, em Goiás, Brasília e na Bahia – e que o sabiá-laranjeira, figura carimbada no cenário ecológico do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Goiás, Norte e Nordeste. Observar essas espécies, porém, é privilégio de poucos. Atualmente, cerca de 400 nativos residem na Ilha de Marambaia, onde funciona um centro de adestramento da Marinha. Além dos militares e dos moradores, ninguém mais tem autorização para entrar na ilha.

O futuro deste paraíso, porém, ainda é uma incógnita. Alguns políticos fluminenses periodicamente insistem em defender a exploração da ilha pela indústria do turismo e lutam para que o acesso às lindas praias não seja res-

trito. Para evitar que isso aconteça, o biólogo Roberto de Xerez, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, idealizou um convênio com a Marinha visando a preservação da ilha para pesquisas e pretende transformar Marambaia em área de preservação ambiental. O convênio, assinado em setembro, é o primeiro passo para isso. “A presença da Marinha em Marambaia tem sido decisiva para a preservação da Mata Atlântica”, diz Xerez. “Mas a ilha precisa ser declarada oficialmente como reserva ecológica e o acesso a ela deve continuar a ser restrito.” Na Marambaia há uma aliança implícita entre ecologistas e militares. O comandante do Centro de Adestramento da Marambaia, capitão-de-mar-e-guerra Carlos Alberto Beda de Oliveira, e seu imediato, capitão-de-fragata Eduardo Tibúrcio, também defendem a preservação da ilha e acreditam que isso só pode ser concretizado se o acesso a suas praias continuar proibido. Ao contrário do que fazem em Alcatrazes (SP), os militares não usam a ilha para operações que possam provocar danos à fauna e à flora e até recolhem pedaços de papel ou de plástico eventualmente encontrados nas areias.

ISTO É  
20/11/96 cont.  
30



**Na restinga de Marambaia (à esq.), está situada a ilha (à dir.) que foi entreposto de escravos e recebeu Getúlio Vargas: acesso restrito**



**Teodorina de Lima, a mais antiga moradora da ilha, mostra a senzala onde viveu sua mãe: "Em Marambaia, vivo com R\$ 112"**

Os que moram no paraíso não admitem a possibilidade de sair dali, embora na ilha não exista sequer supermercado. Descendentes de escravos, esses moradores ainda sobrevi-

vem da pesca artesanal e mantêm o hábito de visitar a capela de Nossa Senhora das Dores, erguida em 1940, numa época em que a ilha ainda abrigava alguns cafezais. Teodorina Alves de Lima, 77 anos, é a mais antiga moradora da ilha. Ela nasceu lá e nunca residiu em outro lugar. Sua mãe, Rosa, falecida há cerca de 50 anos, foi levada à Marambaia no século passado por um navio negreiro, sendo libertada só com a decretação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. Na época, a ilha era usada para a triagem dos escravos. Os que tinham saúde, bom físico e dentes em bom estado eram logo separados para ser vendidos a preços mais altos. "Minha mãe me dizia que o trabalho escravo afetou sua saúde", diz Teodorina. Ela lembra que sua mãe lhe contava que, por ser escrava, além de ser mal-trata-

da, nem sequer tinha direito a alimentação adequada, e por isso enfraqueceu. A senzala, onde a mãe de Teodorina passou boa parte da vida, permanece construída na ilha. Viúva, Teodorina recebe R\$ 112 como aposentada do Fundo Rural. "Aqui eu vivo com esse dinheiro. Em outro lugar acho que não daria", diz. "Na ilha, um ajuda o outro e não falta nada para ninguém."

Outro descendente de escravo e que também nasceu na ilha é Caetano Silva, 76 anos. Defronte a seu barraco, ele diz que sempre recorreu à pesca para garantir sua alimentação. "Hoje, penso apenas em tentar viver mais alguns anos", diz o pescador. No passado, porém, esses habitantes do paraíso ecológico queriam melhorar o padrão de vida. Ercília Silva, 67 anos, mulher do pescador, costuma recordar o período

em que mais alimentou o sonho de dias melhores. "Nos anos 40, fui empregada do presidente Getúlio Vargas, quando ele tinha uma casa na Marambaia." Fala-se na ilha que a casa do ditador do Estado Novo era usada por ele para encontros fortuitos com amigas. Mas Ercília faz uma ressalva: "Dona Darcy Vargas, a mulher do presidente, estava sempre lá." A casa, na verdade, pertence ao governo federal, mas os moradores não têm lembrança de que outros presidentes a tenham utilizado. Hoje, ela é ocupada pela Marinha.

A ilha também foi usada, na década de 70, como esconderijo de perseguidos políticos. Muitos dos que eram procurados pela repressão fugiam para Marambaia. "Os fugitivos políticos eram vistos com desconfiança, não falavam com quase ninguém e nunca se ficava sabendo de onde eles tinham vindo", recorda Ercília. "Mas eles não faziam mal a ninguém. Não sabiam pescar e se limitavam a pedir apenas um prato de comida." ■